

Manejo da pérola-da-terra na cultura da videira.

Marcos Botton - Eng. Agrônomo, Dr. Entomologia, Pesquisador Embrapa Uva e Vinho

A pérola-da-terra, conhecida cientificamente como *Eurhizococcus brasiliensis*, é uma cochonilha nativa da região Sul do Brasil que se alimenta sugando as raízes das plantas de videira. Ao se alimentar nas raízes, compromete a absorção de água e nutrientes, reduz a produtividade e pode levar ao declínio e à morte dos parreirais. Devido ao seu hábito subterrâneo, a pérola-da-terra muitas vezes não é percebida pelos produtores, dificultando o diagnóstico precoce. Diante desse cenário, compreender sua bioecologia e aprimorar as estratégias de manejo são essenciais para garantir a sustentabilidade da viticultura brasileira.



Bioecologia

O ciclo biológico da cochonilha envolve uma fase jovem (ninfas), que é a mais prejudicial à planta, e adultos que não possuem aparelho bucal funcional para se alimentar. A espécie se reproduz predominantemente por partenogênese (as fêmeas não necessitam de machos para gerar descendentes), apresentando geralmente uma geração por ano, com produção de ovos e ninfas entre os meses de novembro e março. Essa informação é fundamental para o manejo, pois permite direcionar os tratamentos para o período em que o inseto é mais sensível aos agentes de controle.

Devido ao desenvolvimento de uma camada cerosa ao redor do corpo, o inseto consegue se proteger da ação de diversos produtos, dificultando seu controle. A principal forma de dispersão da cochonilha ocorre por meio de mudas contaminadas (a praga já foi registrada em mais de 80 espécies de plantas, incluindo roseira, macieira, pessegueiro, figueira e espécies invasoras como a língua-de-vaca). Após se estabelecer nos vinhedos, formigas doceiras atuam como agentes de dispersão das ninfas de primeiro ínstar — fase em que o inseto ainda possui pernas e pode ser transportado.

Manejo

1. Controle cultural: Evitar a implantação de vinhedos com mudas infestadas. A manutenção de plantas de cobertura não hospedeiras (como a aveia) no interior dos vinhedos contribui para a redução das infestações.

2. Controle biológico: A cochonilha tem sido predada pelas larvas de uma mosca conhecida cientificamente como *Prolepsis lucifer*. Infelizmente, embora diversos estudos tenham sido realizados com diferentes formulações de fungos entomopatogênicos, como *Metarhizium anisopliae*, *Beauveria bassiana* e *Isaria fumosorosea*, observou-se um efeito reduzido sobre a cochonilha. Trabalhos de pesquisa relacionados a esse tema continuam sendo conduzidos.

3. Controle químico: Ainda representa a principal estratégia de manejo. Os inseticidas thiametoxam (Actara 250 WG) e imidacloprido (Nuprid 700 e Premier), ambos do grupo dos neonicotinoides, são tradicionalmente recomendados. Mais recentemente, o flupiradifurona (Sivanto) também foi registrado para o manejo da cochonilha, podendo ser utilizado na rotação de ingredientes ativos. Esses inseticidas devem ser aplicados via solo, direcionados às raízes, preferencialmente no mês de novembro, com doses ajustadas conforme a idade das plantas. Em casos de altas infestações, uma segunda aplicação pode ser necessária após a colheita. O inseticida à base de spiropidion + acetamiprido (Elestal Neo), que está sendo introduzido na cultura da videira e possui mobilidade via floema (movendo-se das folhas para as raízes), tem demonstrado um bom controle de insetos sugadores, mas pesquisas indicam efeito limitado sobre a pérola-da-terra.



Considerações finais

É fundamental lembrar que a morte de plantas de videira não é causada apenas pela pérola-da-terra. Outros fatores podem atuar em conjunto, como fungos de solo e de madeira, nematoides fitoparasitas e até a filoxera. Por isso, o manejo deve ser amplo e preventivo. Por esse motivo, identificar corretamente os agentes associados ao declínio e adotar práticas que mantenham a sanidade do cultivo são fundamentais para garantir a produção de uvas em quantidade e qualidade. Isso inclui o controle de doenças foliares após a colheita, evitar o uso excessivo de adubos nitrogenados, realizar o tratamento de inverno contra fungos e cochonilhas, proteger os ferimentos da poda para evitar o ingresso de doenças de madeira e fazer análises de solo e raízes para verificar a presença de nematoides.

A gestão integrada da pérola-da-terra e dos demais agentes bióticos associados ao declínio e à morte de plantas continua sendo um dos maiores desafios tecnológicos da viticultura brasileira. No entanto, existem medidas de manejo que, quando adotadas de forma integrada e contínua, garantem não apenas a produção de uvas em quantidade e qualidade, mas também promovem a longevidade dos vinhedos, reduzem os impactos ambientais e fortalecem a competitividade da viticultura brasileira no cenário nacional e internacional.